

Paris, 17 de dezembro de 1996

Discurso por ocasião da entrega do prêmio UNESCO "Educação à Paz".

Senhor diretor geral da UNESCO,
Senhor presidente do júri Internacional,
Excelências, Senhoras e Senhores,

Em primeiro lugar uma respeitosa saudação e um caloroso agradecimento a todos aqueles que, neste ano de 1996, pensaram em atribuir a mim o prestigioso prêmio UNESCO pela educação à paz.

Tomo a liberdade de oferecer a esta nobre assembleia algumas ideias.

Não contarei a história do Movimento dos Focolares nem falarei da sua estrutura. O Movimento é um instrumento para fomentar nesta nossa época - ao lado de muitas outras beneméritas e preciosas organizações, iniciativas, obras - a unidade e a paz no nosso planeta. Sobre isso já se deteve a atenção de todos, ao ouvirem as motivações que favoreceram a designação do prêmio.

Quero falar sobretudo do segredo do seu sucesso.

Ele consiste numa nova linha de vida, num novo estilo adotado por milhões de pessoas que, inspirando-se fundamentalmente em princípios cristãos - sem abandonar, aliás, evidenciando valores paralelos presentes em crenças e culturas diferentes -, deu a este mundo, ansioso por reencontrar ou consolidar a paz, justamente a paz e a unidade.

Trata-se de uma nova espiritualidade, atual e moderna: a espiritualidade da unidade.

Mas a unidade e a paz, que é uma sua consequência, são assuntos atuais?

Lança suas raízes em algumas frases do Evangelho, que se encadeiam umas às outras.

Cito aqui somente algumas.

Supõe em primeiro lugar que aqueles que vivem essa espiritualidade, reconheçam Deus profundamente por aquilo que Ele é: Amor, Pai.

Como se poderia pensar na paz e na unidade no mundo sem a visão de toda a humanidade como uma única família? E como vê-la tal sem a presença de um Pai para todos?

Pede, portanto, que se abra o coração a Deus Pai, que não abandona certamente os filhos ao próprio destino, mas quer acompanhar, proteger, ajudá-los; que, porque conhece o homem no mais íntimo do seu ser, acompanha cada um em todos os particulares; conta até os cabelos da sua cabeça... que não sobrecarrega de pesos os seus ombros, mas é o primeiro a carregá-los.

Ele não deixa unicamente nas mãos dos homens a renovação da sociedade, mas também é o seu autor.

Acreditar no seu amor é um imperativo nesta nova espiritualidade; acreditar que somos amados por Ele de maneira pessoal e imensamente.

Acreditar.

E, entre as mil possibilidades, que a existência oferece, escolhê-lo como Ideal de vida. Colocar-se inteligentemente naquela atitude que cada homem assumirá no futuro, quando alcançará o destino para o qual foi chamado: a Eternidade.

Mas é claro que não basta acreditar no amor de Deus, não basta ter feito a grande escolha dele como Ideal. A presença e as atenções de um Pai para com todos, convida cada um a agir como filho, a amar por sua vez o Pai, a atuar cada dia aquele especial desígnio de amor que o Pai tem para cada um, a fazer a sua vontade.

E sabemos que a primeira vontade de um pai é que os filhos se tratem como irmãos, que se queiram bem, que se amem, quer que conheçam e pratiquem o que pode ser definido como "a arte de amar".

A sua vontade é que se ame a todos como a si mesmos, porque "Eu e você - dizia Gandhi - nada mais somos que uma coisa só. Não posso machucá-lo sem me ferir"¹.

Quer que sejamos os primeiros a amar, sem esperar que os outros nos amem.

Significa saber "fazer-se um" com os outros, isto é, assumir os seus pesos, os seus pensamentos, os seus sofrimentos, as suas alegrias.

Mas, uma vez que este amor dirigido ao outro é vivido por uma pluralidade de pessoas, torna-se recíproco.

E Cristo, o "Filho" por excelência do Pai, o Irmão de cada homem, deixou como norma para a humanidade o amor recíproco. Ele sabia que esse amor era necessário para que exista a paz e a unidade no mundo, para que todos formem uma única família.

É evidente que, para qualquer pessoa que tente remover as montanhas do ódio e da violência, a luta é enorme e árdua. Mas o que é impossível para milhões de homens isolados e divididos, pode se tornar possível para pessoas que fizeram do amor recíproco, da compreensão recíproca, da unidade a motivação essencial da própria vida.

E por quê? Existe um porquê.

Um elemento ulterior desta nova espiritualidade, ligado ao amor recíproco, preciosíssimo, que surpreende e causa admiração, é aquele anunciado também pelo Evangelho. Diz que, se duas ou mais pessoas se unem no verdadeiro amor, Cristo em pessoa, que é a Paz, está presente entre elas e, portanto, nelas.

E qual garantia maior, que possibilidade superior pode existir para aqueles que querem ser instrumento de fraternidade e de paz?

Este amor recíproco, esta unidade, que dá tanta alegria a quem o coloca em prática, exige sempre seriedade, esforço cotidiano, sacrifício.

E a esse ponto se mostra para os cristãos, em toda a sua luminosidade e dramaticidade, uma palavra que o mundo não quer ouvir pronunciar, porque considerada tola, absurda, insensata.

Esta palavra é cruz.

Não se faz nada de bom, de útil, de fecundo no mundo sem conhecer, sem saber aceitar o esforço, o sofrimento, em resumo, sem a cruz.

Não é um divertimento dedicar a própria vida para viver e difundir a paz! É preciso coragem. É preciso saber sofrer.

Mas é claro que, se muitos homens aceitassem o sofrimento por amor, o sofrimento que o amor exige, ele poderia se tornar a mais poderosa arma para doar à humanidade a sua mais elevada dignidade: sentir-se não tanto um aglomerado de povos em fileira, muitas vezes em combate, mas um único povo.

Deus Pai, além disso, não nos deixou sem ajuda neste árduo caminho. Conhecemos aquelas que a Igreja tem sempre à disposição para os cristãos.

E não podemos nos esquecer de Maria, amada, venerada, presente também em outras Religiões, Maria, a mãe de Jesus e de todos os homens da terra. Dela, podemos receber inspirações, conforto, amparo: é a função de uma mãe compor e recompor sempre a família.

Esta espiritualidade comunitária não está necessariamente ligada a uma Igreja: é universal e pode ser vivida por muitos.

Por ela, com efeito, abriram-se fecundos diálogos com todos os homens, com cristãos de muitas Igrejas, com fiéis de diversas religiões e com pessoas das mais variadas culturas, as quais encontram enfatizados nela os valores em que acreditam. Juntos nos encaminhamos para aquela plenitude da verdade que é a nossa meta.

¹WILHELM MÜHS, *Parole del Cuore*. Milão, 1996, pág. 82.

Hoje, em virtude desta espiritualidade, homens e mulheres de quase todas as nações do mundo, lenta mas decididamente estão tentando ser, pelo menos lá onde se encontram, sementes de um povo novo, de um mundo de paz, mais solidário sobretudo para com os fracos, com os pobres; de um mundo mais unido.

Que Deus, Pai de todos, fecunde estes nossos esforços, com aqueles de todos os que estão empenhados no excelso fim da paz. E que se possa, como disse João Paulo II à Assembleia da ONU no quinquagésimo aniversário de sua fundação (e que pode servir também para a mesma celebração da UNESCO): "... Construir no século que está para chegar e no próximo milênio uma civilização digna da pessoa humana, uma verdadeira cultura da liberdade e da paz.

Podemos e devemos realizá-lo! - continuou -. E fazendo isso, poderemos perceber que as lágrimas deste século prepararam o terreno para uma nova primavera do espírito humano"².

E também o prêmio que recebo hoje é destinado ao fim da unidade e da paz. Ele servirá para construir numa Mariápolis permanente do Movimento na Ásia, nas Filipinas, que se chama "Paz", uma casa útil para o diálogo inter-religioso.

²L'OSSERVATORE ROMANO, 6 de outubro de 1995, pág. 6.7, ed italiana.